



Existências em trânsito: a Geografia da Infância como cartografia das vidas das crianças-migrantes-estrangeiras

Existences in transit: the Geography of Childhood as a cartography of the lives of foreign migrant children

Existencias en tránsito: la geografía de la infancia como cartografía de las vidas de niños-migrantes-extranjeros

Joaquim Rauber¹

Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Bento Gonçalves/RS - Brasil

Alana Morari Rauber²

Professora da Rede Municipal de Educação de Farroupilha. Coordenadora Pedagógica na Universidade do Vale do Taquari/ Bento Gonçalves/ RS - Brasil

Recebido em: 22/04/2025

Aceito em: 03/09/2025

Resumo

O artigo discute a importância da Geografia da Infância no Brasil para entender as vivências espaciais infantis, com foco em crianças-migrantes-estrangeiras. Explora como o campo teórico, revisitando suas bases e dialogando com as perspectivas pós-qualitativas, valoriza as crianças e assim, o protagonismo infantil na relação com espaços e territórios. Defende uma abordagem que reconheça a diversidade e singularidade das infâncias e suas múltiplas geografias.

Palavras-chave: Geografia da Infância. Crianças-migrantes-estrangeiras. Vivências.

Abstract

This article discusses the importance of the Geography of Childhood in Brazil for understanding children's spatial experiences, with a focus on foreign-migrant children. It examines how this theoretical field, by revisiting its foundations and engaging with post-qualitative perspectives, values children and, consequently, their protagonism in relation to spaces and territories. The article advocates for an approach that recognizes the diversity and uniqueness of childhoods and their multiple geographies.

Keywords: Geography of Childhood. Foreign-migrant children. Lived experiences.

Resumen

¹ joaquim.rauber@bento.ifrs.edu.br

² alanamorari@gmail.com

El artículo discute la importancia de la Geografía de la Infancia en Brasil para entender las vivencias espaciales infantiles, con un enfoque en los niños migrantes extranjeros. Explora cómo este campo teórico, al revisar sus fundamentos y dialogar con las perspectivas poscualitativas, valora a los niños y, con ello, el protagonismo infantil en la relación con los espacios y territorios. Defiende un enfoque que reconozca la diversidad y singularidad de las infancias y sus múltiples geografías.

Palabras clave: Geografía de la Infancia. Niños migrantes extranjeros. Vivencias.

Introdução

Quero envelhecer rápido, pai. Ficar mais velho que o senhor. Que valia ser criança se lhe faltava a infância? Este mundo não estava para meninices. Por que nos fazem com esta idade, tão pequenos, se a vida aparece sempre adiada para outras idades, outras vidas? Deviam-nos fazer já graúdos, ensinados a sonhar com conta medida. Mesmo o pai passava a vida louvando a sua infância, seu tempo de maravilhas. Se foi para lhe roubar a fonte desse tempo, por que razão o deixaram beber dessa água? (Couto, 2009, p. 111).

A partir do paradoxo da infância – concebida ainda, por muitas vezes, como tempo de plenitude e inocência, frequentemente idealizada e por isso mesmo distante do viver das crianças – as palavras de Couto (2009) ecoam como um chamado à reflexão. A ânsia por transcender a "meninice" em um mundo que parece constantemente adiar a vida para o futuro, lança luz sobre a complexa relação entre as vivências infantis e as narrativas adultas que as moldam e, por vezes, as esvaziam.

A sinonímia frequentemente atribuída a "infâncias" e "crianças" coexiste com uma significativa tendência de apartar essas vivências do seu imbricamento com o espaço, o lugar, o território e, consequentemente, com suas geografias. Ao negligenciar essa dimensão espacial, as histórias que são contadas e recontadas sobre/com as infâncias e as crianças carecem das paisagens que intrinsecamente compõem os tempos e espaços deste mundo em contínua (re)configuração. Isto é, persistir nessa separação implica narrar mundos desprovidos das paisagens que tecem a complexidade dos tempos e espaços que compõem a humanidade.

A construção de conhecimentos sobre a história das crianças e das infâncias no campo educacional tem sido historicamente marcada pela centralidade de narrativas que se reivindicam universais, e que, em sua essência, carregam um forte viés eurocêntrico.

Este ensaio dedica-se a explorar a Geografia da Infância, que se consolidou ao longo de duas décadas, como um campo teórico fundamental para a investigação das existências infantis, neste caso das quais em trânsito, particularmente as vidas de crianças-migrantes-estrangeiras³. É precisamente a par-

³A compreensão de Crianças-migrantes-estrangeiras relaciona-se aos escritos de Rauber (2023): "[...] crianças-migrantes-

tir desta perspectiva que este ensaio se dedica a investigar as vidas complexas e multifacetadas, cuja lentes conceituais oferecidas por este campo, possibilitam a compreensão aprofundada das dinâmicas espaciais e sociais intrínsecas a essas trajetórias singulares.

Busca-se discutir sobre o desenvolvimento do campo da Geografia da Infância no Brasil e de como o campo revela-se importante para a produção de conhecimento que considere as relações entre crianças e suas vivências nos diferentes espaços, lugares e territórios. Ao deslocar o olhar para as vivências espaciais infantis, suas apropriações, suas resistências e suas geografias singulares, comprehende-se que essa área de estudo contribuiu e segue o fazendo para a desconstrução de visões adultocêntricas e homogeneizadoras das infâncias e das crianças.

Desenvolvimento

Como ponto de partida, o lançamento do livro “Geografia da Infância: reflexões sobre um campo de pesquisa” de Lopes e Vasconcellos em 2005, apresentou um panorama de construções teóricas e direcionou o debate para a expansão das concepções sobre a(s) infância(s). Os autores destacam a relevância das culturas infantis e das pesquisas etnográficas como ferramentas para ampliar a compreensão, problematizar as construções conceituais existentes visando justamente enriquecer as análises e desafiar as formulações conceituais estabelecidas.

Os autores apresentam uma área de pesquisa que dedica atenção às dimensões espaciais que permeiam os estudos com e sobre as crianças. Esse imperativo busca um alargamento que transcende as definições conceituais de criança e infância, e passa, portanto, a alcançar a própria vida das crianças, compreendida a partir de suas vivências como sujeitos que constroem e reconstroem não apenas suas narrativas, suas histórias, se não também suas paisagens, seus territórios, seus lugares, suas cartografias

estrangeiras como denominação por não estarmos preocupadas se eram refugiadas, apátridas, deslocadas etc. Compõe discussões importantes de larga escala, acerca dos termos endereçados e vem sendo desenvolvida em grande medida por áreas como as relações internacionais e o direito internacional. Contudo, pouco têm se dedicado a pensar com e sobre as crianças que também protagonizam estes movimentos. Nosso intuito era estar com as crianças-migrantes-estrangeiras, que nesta escolha abarca: a) crianças: porque é delas, com elas e sobre elas que estamos a pensar e estar. Queremos marcar o protagonismo delas, inclusive conceitualmente; b) migrantes: os movimentos de migrar dentro do seu país, por exemplo a Nádia, quando mostra que morou em pelo menos quatro locais diferentes na Venezuela, [...] ou as migrações internas aqui no Brasil e as imigrações; c) estrangeiridade: essa condição que todos nós habitamos (ou deveríamos habitar) e que nos provoca, que pode ser estrangeiro no espaço, na língua, nos costumes, na comida. Esta é uma escolha, sempre diante de outras possíveis, mas que neste momento se coloca porque consegue abranger esses processos vividos com as crianças que nos convocam a pensar para além do estabelecido, mostrando suas visões políticas e sociais, por exemplo, sobre seus países de origem e sobre o lugar a que estão inseridas. (p. 274, 275).

e suas geografias.

Para Lopes e Vasconcellos, a Geografia da Infância “tem como questão básica a compreensão da infância em seus diferentes contextos, ou seja, como os arranjos sociais e culturais produzem as infâncias em seus diferentes espaços e tempos e como as crianças se apropriam dessas dimensões” (2005, p. 32). Assim, o campo de pesquisa da Geografia da Infância passa a se configurar como um espaço dinâmico, processual e especialmente de estar com os outros, em uma perspectiva bakhtiniana, a capacidade de criação encontra sua gênese e desenvolvimento na relação com o outro. Construímos nossa humanidade na relação dialógica, criadora e compartilhada que nos é exigida pela presença de estarmos com os outros.

Nesse sentido, uma das reivindicações fundamentais da obra em questão, reside em observar o mundo sem dicotomizar espaço e tempo. Propõe-se, assim, a adoção de uma unidade espaço-temporal para a narrativa do mundo. Seguindo na compreensão do campo de pesquisa, a obra explora a complexidade dos conceitos fundamentais da ciência geográfica – lugar, espaço e território – que são progressivamente apresentados a partir das lentes teóricas de autores como Yi-Fu Tuan (1980), Santos (2002), Haesbaert (em suas diversas publicações), Claval (1999), que promovem um significativo desdobramento dessas categorias conceituais. Cada um desses estudiosos, a partir de suas perspectivas, contribuem para uma compreensão mais abrangente de como o espaço geográfico é produzido, vivenciado e significado.

Isso possibilita compreender os múltiplos fios que entrelaçam essa complexa realidade e identificar os pontos-chave para a construção de uma jornada de pesquisa neste campo. Mais do que isso, de forma gradativa, o texto convida à reflexão sobre as maneiras pelas quais se observa, se produz conhecimento e se pesquisa com e sobre as crianças. Importante ressaltar que não se trata de crianças idealizadas, mas sim das crianças reais – imersas em inúmeras questões sociais, reconhecidas como sujeitos de direitos e ativas produtoras de culturas:

Assim toda criança é criança de um local; de forma correspondente, para cada criança do local existe um lugar de criança, um local social designado pelo mundo adulto e que configura os limites da sua vivência; ao mesmo tempo toda criança é criança em alguns locais dentro do local, pois esse mesmo mundo adulto destina diferentes parcelas do espaço físico para a materialização de suas infâncias (Lopes; Vasconcellos, 2005, p. 39).

Os autores direcionam a atenção para o adultocentrismo e, ao trazerem para o centro as crianças reais e concretas, explicitam a necessidade de articular diferentes conceitos, ideias e dimensões. Desafi-

am a reflexão sobre a perspectiva "da mão do adulto que traça os territórios para as crianças" (2005, p. 40).

Se em 2005 o campo da Geografia da Infância foi anunciado no Brasil, vinte anos depois ele pulsa com uma força de ineditismo, especialmente considerando que essa questão se torna ainda mais central, já que se observa uma constante tentativa de transformar crianças em consumidores, de vender experiências esvaziadas das materialidades do mundo pela cultura do imediatismo, pelas realidades virtuais, pelos espaços kids e pelos menus infantis, por exemplo. Essas práticas tendem a empobrecer de alguma maneira, e ditar as escolhas dos adultos para as crianças, novamente deixando evidente concepções calcadas em papéis de passividade que se assemelha à observada em outros tempos e espaços.

Reconhecendo a complexidade e a riqueza das culturas e produções infantis, os autores apontam a pesquisa qualitativa como o método para apreender os múltiplos endereçamentos das e com as crianças. Para articular a caminhada nesse campo teórico, recorrem a Bogdan e Biklen (1982), cujos cinco pontos centrais são aqui retomados com o intuito de reafirmá-los e evidenciar o que nutre os pesquisadores que inscrevem as investigações, suas andanças e assim, seus modos de ver e de habitar as pesquisas a partir deste campo:

1- o pesquisador é o instrumento chave, embora utilize vídeo-tape ou outros materiais, é necessário que ele esteja no campo de trabalho para apreender a realidade a ser estudada; 2- a pesquisa qualitativa é descritiva, os dados são coletados em forma de palavras, fatos. Os dados incluem entrevistas transcrições, notas, fotografias, vídeos-tapes, documentos pessoais; todos os detalhes e situações são importantes na compreensão; 3- pesquisadores qualitativos estão mais preocupados com o processo do que com o produto. O pesquisador deve centrar sua compreensão na dinâmica que se processa na vida cotidiana, e isso deverá ser o seu centro de análise; 4- pesquisa qualitativa tende a analisar seus dados de forma indutiva. A preocupação do pesquisador não deve ser a de levantar evidências que provém de hipóteses já estabelecidas; o processo deve ser exatamente o contrário: a compreensão e abstração deve partir das evidências levantadas; 5- o significado que os indivíduos atribuem às coisas é de essencial interesse para o trabalho qualitativo. Uma das preocupações do pesquisador deve ser compreender como as pessoas compreendem a si mesmas e o mundo que as cerca (Lopes; Vasconcellos, 2005, p. 44, 45).

A atenção ao processo, à dinâmica da vida cotidiana e aos significados atribuídos se colocam como o fio das missangas. Para Mia Couto (2009, p. 05), "a missanga todos a veem. Ninguém nota o fio que, em colar vistoso, vai compondo as missangas". Como um fio maleável que acompanha o cotidiano da vida, sem se desprender das diversas experiências do existir, que permite a fluidez e o processo contínuo, sempre inacabado e aberto. Justamente por isso, permite a compreensão de que, neste campo teórico, a riqueza não está no colar pronto, mas na sua possibilidade de criação.

No último capítulo de sua obra, Lopes e Vasconcellos (2005, p. 55) refletem sobre as interfaces entre a Geografia da Infância e a organização do mundo contemporâneo. Mais uma vez, essa abordagem permite reiterar que os saberes (e sabores), a análise crítica se desenvolvem em um contexto real e tangível, marcado por tensões, desigualdades e distintas realidades. Desse modo, a discussão se expande mais uma vez, abrangendo não apenas a historicidade dos fatos e do mundo, mas também sobre as paisagens, os lugares, os territórios e, pelas diversas geografias que constituem a humanidade.

Os comerciais descortinam um novo mundo infantil, que reduz o ser criança ao que é produzido para a infância. A criança contemporânea é aquela que consome o leite industrializado e enriquecido para os recém-nascidos; bolachas, iogurtes e fermentados para o desenvolvimento, que compra brinquedos, que veste determinada roupa ou calça, determinado tênis ou sandália, que se "alimenta" de tudo que o mercado de consumo convencionalmente destinou a ela, que altera seu modo de vestir, que se perde no "fetichismo" do corpo e que cada vez mais rompe as barreiras do mundo adulto. Os "shopping centers", as grandes redes de *fast-food*, os parques pagos tornam-se os lugares privilegiados das crianças que, no passado, foram deslocadas das ruas para dentro de casa e, agora, são deslocadas da casa para esses espaços privados, mediatizados pelo senso de segurança, encerrados na lógica do consumo, acessados através do capital. A infância figurada está sendo lentamente retocada e definida a partir de novos traços que marcam o que é ser criança, convencionados pelo mercado consumidor (Lopes; Vasconcellos, 2005, p. 59, 60).

A crescente mercantilização da infância e a busca por lucro direcionada às crianças tornam-se, a cada dia, mais onipresentes. O avanço das tecnologias digitais, especialmente das redes sociais, satura as vidas com publicidade, expondo as crianças a um universo de consumo de modo cada vez mais precoce e ilimitado. Esse avanço e refinamento se manifestam no próprio mercado, que evolui em suas estratégias de venda, consumo e público-alvo, tornando-se cada vez mais sofisticado e, perigosamente, naturalizando o ato de consumir de maneira sutil e persuasiva.

Retomando Couto (2009), ao fim da obra, tece-se novamente um fio de esperança. Em diálogo com Santos (1994), os autores enfatizam a ação humana como intrinsecamente política e, portanto, capaz de gerar outras realidades. As "rugosidades e contradições" (p. 60) são apresentadas como forças motrizes para a construção de mudanças em um mundo insistentemente moldado para se apresentar pronto, homogeneizado, acabado, imediatista e finalizado em si mesmo por seu sistema neoliberal (p. 61).

Ler a obra duas décadas depois revela-se um exercício de atualidade e necessidade. Jamais para dizê-la ou esgotá-la. Relaciona-se com a experiência de leitura, escrita por Larrosa:

[...] há vezes em que um livro ou um filme, ou uma música nos faz olhar pela janela e, aí, na paisagem, tudo parece novo; ou nos faz pensar em alguém e, de repente, sentimos mais nitidamente sua presença; ou simplesmente nos detemos um momento e nos sentimos, a nós mesmos, de

uma forma particularmente intensa. E a paisagem, ou a pessoa evocada, ou nós mesmos, estamos nessa escrita palavra-por-palavra, quase ao pé da letra. E, todavia, não é que tudo isso esteja aí exatamente descrito. O que ocorre, melhor dizendo, é que aí está a imagem interior das coisas e das pessoas. É o ponto justo de silêncio e de vazio para que essa imagem interior possa renovar-se uma-e-outra-vez. Algo assim é o que significa dizer que o silêncio-envolto-em-uma-forma da escrita, de Handke, abre o mundo, ilumina o mundo. Na *História do Lápis*, Handke assim fala nisso: "Os melhores livros são aqueles que conseguem uma e outra vez que alguém se contenha, levante o olhar, conte cole a região, respire profundamente, deixe-se banhar pelos raios do sol - mesmo que esse não brilhe" (2017, p. 62, 63)

A leitura ressoa com as próprias andanças como professores interessados na pesquisa com e sobre as crianças, suas infâncias plurais, seus lugares e espaços vividos. Evidencia suas culturas dinâmicas e as constantes renovações que apresentam ao mundo. Imprescindível revisitá a obra para jogar luz às bases que sustentam a pesquisa com crianças cujas vidas se desenrolam em trânsito constante, em um mundo marcado por crescentes fluxos migratórios. Retomar o que inaugurou o campo da Geografia da Infância no Brasil é, também, reafirmar sua importância e expressar gratidão pelas lentes que esse campo tem oferecido: sensíveis, concretas, criadoras e transgressoras em direção a um mundo mais afetuoso, ético, estético e justo.

Bases teóricas da Geografia da Infância: um campo em construção

Toda atividade do homem que tem como resultado a criação de novas imagens ou ações, e não a reprodução de impressões ou ações anteriores da sua experiência, pertence a esse segundo gênero de comportamento criador ou combinatório. [...] É exatamente a atividade criadora que faz do homem um ser que se volta para o futuro, erigindo-o e modificando o seu presente (Vigostki, 2004, p. 17).

A releitura da obra que sistematiza o campo de pesquisa da Geografia da Infância no Brasil revela a necessidade de compreender as bases teóricas que fundamentam e sustentam essa forma de pensar, apreender e, não menos importante, vivenciar o mundo. Isso porque uma das contribuições fundamentais da Geografia da Infância reside em seu modo singular de relacionar-se cotidianamente com o viver e com as existências, pautado pelo respeito. Ademais, configura-se como uma abordagem de pesquisa que imbuí os pesquisadores de um sentido investigativo *na vida* – e não apenas *para a vida* –, implicando vivências constantes da existência em sua totalidade de desafios e particularidades concretas.

A concepção de criação e geração do novo, tal como emerge das leituras mais recentes de Vigostki, notadamente a partir de Prestes (2013), converge com os conceitos centrais que estruturam o campo da Geografia da Infância. Essa perspectiva relaciona-se com as concepções de ser humano sistematicamente

zadas pela Teoria Histórico-Cultural, em particular com a compreensão de que somos seres de linguagem e com a ideia bakhtiniana de polifonia, entendida como a coexistência de múltiplas vozes (Bakhtin, 2013).

Em sua obra "Geografia da Infância: reflexões sobre uma área de pesquisa", Lopes e Vasconcellos (2005) apresentam uma sistematização dos referenciais teóricos organizados por temáticas, indicando ao leitor o caráter não exaustivo dessa seleção de autores e obras que fundamentam o campo. As temáticas indicadas abrangem: literatura brasileira, sobre crianças e infância, sobre a pesquisa qualitativa, sobre a contemporaneidade, textos dos próprios autores e outros textos relevantes. Tal organização sinaliza além de autores e obras, uma configuração que evidencia uma composição dinâmica, que não fecha o campo, mas que o deixa aberto a novas contribuições e perspectivas futuras.

Algumas considerações a esse respeito se tornam pertinentes. A introdução da Teoria Histórico-Cultural no cenário intelectual brasileiro, durante a década de 1970, ocorreu em um contexto global marcado pelas tensões geopolíticas da Guerra Fria, que polarizavam o mundo entre as influências oriental e ocidental. Nesse período, o acesso a informações provenientes do Leste Europeu era freqüentemente indireto e passava pelo crivo de traduções e edições realizadas nos Estados Unidos. Esse processo de mediação resultou, por exemplo, em uma aproximação entre as ideias de Vigotski e Piaget, culminando na ascensão deste último como uma referência teórica central em que as teorias pedagógicas e as próprias concepções de criança e infância que moldaram a educação escolar brasileira foram profundamente influenciadas pelo pensamento piagetiano.

Em sua análise do campo da Sociologia da Infância, Prestes (2013), referenciando a obra de William Corsaro (2011), aponta para uma interpretação e aproximação falha e superficial atribuída a Vigotski. Segundo Prestes, Corsaro o enquadra de maneira inadequada dentro do construtivismo, ao lado de Piaget, utilizando a imprecisa denominação de abordagem sociocultural. A principal objeção de Prestes reside na limitada e problemática base textual utilizada por Corsaro, restringindo-se unicamente à obra "A Formação Social da Mente" (1984, 1998, 1999) – uma coletânea editada e não uma obra autoral de Vigotski. Prestes adverte para o risco dessa leitura descontextualizada, citando a própria obra: "caso o leitor seja descuidado e não leia a introdução, jamais saberá que se trata de uma tradução editada, e a responsabilidade de atribuir autoria dos textos a Vigotski será dele e não dos organizadores do livro" (Prestes, 2013, p. 297).

Essa equivocada assimilação entre Piaget e Vigotski, portanto, simplifica e diminui a riqueza da compreensão sobre o desenvolvimento humano. Essa aproximação imprecisa, seja por tradução inade-

quada ou por negligência, não é acaso. A teoria Histórico-Cultural emerge em um cenário intelectual que tinha em si a construção de um projeto de sociedade inédito, vislumbrando um novo modelo de ser humano para uma nova sociedade. Nesse contexto, as discussões acerca do humanismo são radicalmente repensadas, e a educação assume um papel crucial como motor dessa transformação, buscando a criação de algo que supere a fragmentação legada pela Modernidade (Rauber, 2023, p. 80).

As compreensões que fundamentam o campo nas indicações teóricas supracitadas, contudo, não se estabelecem de maneira estática ou definitiva, como sinalizado anteriormente. O objetivo aqui tampouco é listar referências e conceitos de forma exaustiva, mas sim, compreender aquilo que é fundamental e que coloca a preocupação com a forma - e não apenas com conteúdo (Rauber, 2023, p. 122).

O respeito pelas crianças, fazem parte constantemente das reflexões desenvolvidas pelo GRUPEGI⁴ e a leitura aprofundada de autores como Lopes (2019, 2020, 2021, 2022) fundamentam a trajetória do campo de pesquisa. Considerando a centralidade da autoria infantil e da polifonia (Bakhtin, 2013) neste processo investigativo com crianças, emerge a questão crucial levantada por Lopes (2022): “como narrar a vida de alguém?”. Para o autor, essa indagação, já intrinsecamente complexa, adquire contornos ainda “mais labirínticos” (p. 103) ao se tratar da narrativa das vivências de crianças, e neste caso, de crianças-migrantes-estrangeiras.

Nesse sentido, as perspectivas emergentes da pós-infância somam-se mais recentemente aos estudos da Geografia da Infância, oferecendo um caminho de continuidade e aprofundamento dos debates já propostos. As reflexões sobre “depois da infância” (Kraftl, 2020) e a “pós-infância” (Aitken, 2019), operam na perspectiva da pesquisa “com”. As críticas à universalização e à padronização da experiência infantil, como apontadas por Aitken (2019) ao analisar a Declaração Universal dos Direitos das Crianças, ressoam diretamente com a necessidade de descentrar o olhar adulto e reconhecer as múltiplas e complexas realidades vividas pelas crianças em seus contextos geográficos específicos, ou seja, de compreender as crianças e suas vidas reais. Requer pesquisar e estar *com* as crianças reais, estudando *com* elas sob premissas dinâmicas e desprovidas de respostas predefinidas pela perspectiva adulta, sobretudo daquele que desconsidera a complexidade dos processos infantis (Rauber, 2023).

Peter Kraftl (2020) observa que as crianças são frequentemente concebidas como futuros adultos, um estado de “de vir”. O autor destaca que, embora cronologicamente a infância venha após a geração precedente, ela tende a ser definida, em termos de compreensão, como um estágio “anterior” à vida

⁴GRUPEGI: grupo de Pesquisas e Estudos em Geografia da Infância- GRUPEGI (CNPq/UFF-UFJF).

adulta, balizada por critérios adultos como maturidade, dimensões corporais e status social (p. 03, 2020). Ao enfatizarem a palavra inglesa "Child", esses autores buscam distanciar-se de concepções que retratam a infância como mera passividade ou incompletude, vinculando-a, em vez disso, às ideias de autoria e protagonismo infantil.

Aitken (2019) propõe o conceito de pós-infância para analisar as diversas condições das infâncias, criticando a universalização presente em abordagens tradicionais e ecoando o debate de Qwortrup (2011) sobre a dificuldade de políticas macro considerarem as singularidades micro. Ainda, Aitken argumenta que os direitos universais, por serem abstratos e descontextualizados, falham em reconhecer as especificidades locais (2019, p. 32). Em sua análise conceitual da infância, o autor dialoga com autores clássicos como Àries (1986) e Postman (1982), cujas perspectivas vinculam a construção da infância aos processos industriais, às instituições e às dinâmicas espaciais e relacionais da modernidade (Rauber, 2023).

Neste sentido, que os estudos da pós-infância a partir dos autores citados se somam ao campo da Geografia da Infância, uma vez que apontam para a importância de ir além das visões românticas sobre as crianças, as infâncias, de desconstruir as limitações espaciais socialmente estabelecidas para elas, e de trazer para o centro do debate o agenciamento e o protagonismo das crianças.

A esse respeito, Oswell (2013) enriquece o debate com o conceito de "*agency*", cuja característica principal, conforme o autor, reside em uma manifestação da capacidade infantil de agir e sofrer ação que transcende as formas geométricas, dispersando-se topologicamente e sendo atravessada por múltiplos planos e escalas, em vez de uma visão singular (Rauber, 2023).

A articulação desses campos se fundamenta na compreensão de que a pesquisa nesta perspectiva requer a presença e a vivência compartilhada *com* as crianças, permitindo que suas próprias culturas sejam narradas por elas mesmas:

O protagonismo infantil, cabe para pensar para além da inclusão das crianças nas temporalidades e espacialidades dos adultos, na dimensão do agir, de realmente a reflexão e transformação dos espaços acontecer pelas próprias crianças e com elas. Dialogando com as compreensões da Teoria Histórico-Cultural, está justamente na reelaboração do espaço novo, onde a criação do novo e, sobretudo, a inversão do espaço, é pensada pelas crianças e não os adultos dando espaço às crianças (Rauber, 2023, p. 69).

Em suma, a Geografia da Infância, ao convergir com as premissas das pesquisas pós-qualitativas, permite a reflexão e a inversão na própria lógica investigativa 'tradicional'. Longe de buscar explicações

causais ou generalizações a partir de categorias predefinidas, essa perspectiva metodológica se abre à multiplicidade das vivências⁵ e à emergência de sentidos a partir do encontro genuíno com as crianças, suas culturas, narrativas, tempos, espaços, lugares, territórios e geografias. Essa aproximação reconhece a complexidade intrínseca das infâncias e por tal razão, desafiam as abordagens que as aprisionam em modelos universais e homogêneos - ainda tão presentes no cotidiano. A ênfase recai, portanto, nas vozes infantis, os corpos e as espacialidades vivenciadas por elas próprias é que são centrais para a compreensão de seus próprios mundos vividos.

Mais do que uma mudança metodológica, essa confluência aponta para a necessidade de re(fazer) os conceitos que historicamente têm posicionado as crianças e suas infâncias em lugares de subalternidade e passividade.

Neste debate, destacam-se autoras como Ana Lúcia Goulart de Faria e Fúlvia Rosemberg, que abordam as relações adultocêntricas, especialmente no contexto da educação infantil. Rosemberg (1976) afirma que a percepção da criança é moldada pela educação, uma prática centrada na figura do adulto. Para ampliar essa compreensão, Faria (2005) defende que a infância não deve ser vista de forma limitada, pois as crianças participam ativamente da construção da história e da cultura. Portanto, é fundamental reconhecer as diversas particularidades das crianças, como raça, gênero e classe social. Isso significa que elas são tanto moldadas pela sociedade quanto agentes de sua própria transformação. O objetivo deste trabalho não é esgotar os argumentos das autoras, mas sim situá-las como pilares centrais para o debate sobre as lógicas adultocêntricas, dentro das limitações inerentes ao próprio texto.

Assim, quando a Geografia da Infância, se encontra com as pesquisas pós-qualitativas, insurge-se como uma força a mais contra as narrativas adultocêntricas que silenciam ou marginalizam as perspectivas infantis. A pesquisa com crianças se coloca como - ao invés de meros objetos de estudo- elas são reconhecidas como sujeitos ativos e sociais, que transformam os espaços, os lugares e, por isso, o mundo em que habitam. Essa perspectiva reafirma o caráter processual do viver *no* e *do* campo da Geografia da Infância, intrinsecamente ligado à dinâmica das pessoas porque é feito *por* e *com* elas, da vida em sua constante pulsação. E, nessa compreensão, ecoam as palavras de Guimarães Rosa: O senhor... mire veja:

⁵Compreende-se vivência como: "uma unidade na qual se representa, de modo indivisível, por um lado, o meio, o que se vivencia – a vivência está sempre relacionada a algo que está fora da pessoa –, e, por outro lado, como eu vivencio isso" (Vigotskil, 2018, p 78).

o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra, montão" (2015, p. 31).

Existências em Trânsito: As crianças-migrantes-estrangeiras

[...] reitero que as crianças-migrantes-estrangeiras extrapolam qualquer descritor conceitual, embora eu desejasse muito que estas palavras encarreiradas fossem lidas para além delas mesmas e que se fossem uma forma - seriam a de um amanhecer, de infinitas possibilidades de um começo efêmero. Talvez, a beleza resida no *criançar* que *migra*, se desloca, extrapola qualquer fronteira, desde o muro concreto até a linha imaginária que alguém determina que *aqui* é seu e, logo *ali* não mais, até a estrangeiridade que é minha, é sua e nossa. Radical, ímpar, única e humana: motivo de festejos. É nisso que as vivências delas forjaram meu viver, as paisagens, as geografias, os barulhos, os modos de relacionar, de fazer e estar com o mundo (Rauber, 2023, p. 313).

O movimento migratório no Brasil intensificou-se especialmente a partir de 2012. Dados sistematizados por Rauber (2023) evidenciam essa realidade no sul do país, utilizando como referência o número de crianças em idade escolar. A pesquisa de doutoramento também abordou questões como os países de origem e o número de matrículas de diferentes nacionalidades no Rio Grande do Sul entre os anos de 2010 e 2020.

Dentre as várias questões investigadas no estudo citado, algumas cruciais situam-se no campo pedagógico - possível a partir da perspectiva da Geografia da Infância - imbuída dos estudos pós-qualitativos, desviando a análise das migrações de enfoques como o direito ou a saúde. As perguntas centrais residiam em:

[...] Como as espacialidades se constituem e são vivenciadas no espaço escolar pelas crianças-migrantes estrangeiras? E, questões auxiliares: Quem são as crianças estrangeiras que chegam ao Brasil? Como elas se territorializam espacialmente? Como as instituições escolares recebem/acolhem as crianças-migrantes-estrangeiras? Como as crianças, produtoras de cultura, cotejam novas compreensões de infâncias para os que aqui estão? Que relações se estabelecem no desenvolvimento ao encontrar outra referência linguística que não a sua? (Rauber, 2023, p. 37)

Questões que são possíveis a partir das perspectivas da Geografia da Infância, do qual o estudo busca explorar a relação entre as crianças-migrantes-estrangeiras e concepções de espaços que transcendem a ideia de serem fixos, limitados e definitivos. Nessa concepção, os espaços e as crianças não se restringem a adaptar-se, mas engajam-se em fazê-los, refazê-los ou em dar continuidade a eles, quando é o caso.

Sob essa perspectiva, o estudo expõe que é imperativo compreender que as aprendizagens de crianças-migrantes-estrangeiras, com suas bagagens linguísticas, culturais e a partir de paisagens diversas, não se iniciam em um ponto zero, seja no domínio da linguagem ou na apropriação do espaço, “não há abandono do que se é, do que se vive, das paisagens que constituem” (Rauber, 2023, p. 92). Suas identidades, vivências e paisagens formativas persistem. Essa realidade implica um rompimento com as lógicas didáticas que avançam do simples ao complexo, do tangível ao conceitual, do vazio à completude, instaurando uma dimensão ontológica singular (Rauber, 2023).

O estudo citado anteriormente, nutriu-se profundamente da perspectiva da Geografia da Infância ao propor não separar as crianças e suas infâncias dos movimentos andantes, viajantes e migratórios que fazem parte de suas vidas - e seguirão fazendo. Movido por este campo, compreendeu que estar com as crianças-migrantes-estrangeiras de forma ética, estética e respeitosa se concretizava em cada encontro, o que não diminuiu o rigor da pesquisa. Na verdade, é este campo que possibilita vivenciar e conduzir a pesquisa dessa maneira, a partir das crianças que reivindicam dos adultos atenção para que vejam, ouçam, considerem e respeitem suas autorias no mundo.

Vivenciar os espaços com as crianças-migrantes-estrangeiras permitiu compreender de que não se abandona os terrenos, as ruas, as quadras, as paradas de ônibus, as linhas do horizonte, as pedrinhas, os pés de manga, o centro da cidade, os rios, o mar, os barulhos, as paisagens, as gentes e tudo mais que habita o mundo. É, portanto, afirmar e defender de que as crianças- migrantes-estrangeiras não chegam aqui esvaziadas de saberes, conhecimentos, paisagens, barulhos e vivências. Pelo contrário. Talvez a reivindicação seja de que possamos aprender e estar com, aprendendo como elas constituem suas autorias no mundo (Rauber, 2023, p. 312, 313).

O campo da Geografia da Infância coloca ao pesquisador, como no caso do estudo sobre as crianças-migrantes-estrangeiras, a necessidade de criar outros lugares e espaços despojando aqueles que categorizam e as deixam em lugar de subalternidade. De modo que quando questiona, propõe caminhos possíveis - nunca respostas esperadas! Assim, o processo de criação é iniciado. Há sempre algo por se fazer, por se ver, por onde se mover. As crianças, nesse processo, apontaram aos adultos temas essenciais para compreensão, discussão e aprendizado, como suas comidas típicas, paisagens, brincadeiras culturais e línguas maternas.

Ao considerar as múltiplas espacialidades que se constituem e são vivenciadas no cotidiano *pelas e com* as crianças migrantes estrangeiras, o estudo citado, demonstra como a Geografia da Infância possibilita questionar as formas como as crianças se territorializam, como as instituições escolares - por

exemplo, as acolhem e, crucialmente, como suas vivências culturais e linguísticas únicas enriquecem e transformam as compreensões de infância.

No existir como ser linguageiro –que precede a nossa origem, que nos humaniza nas relações, que nos coloca cientes de nosso ser e estar, que nos liberta e nos aprisiona –, está esse espaço que nos acolhe como uma em suas contradições, em suas muitas paisagens, em suas dessemelhanças, que são distinções e atitudes para com o humano em fronteira do viver e como fronteira, é gestação de eus, de nós (Lopes; Paula, 2022, p. 04).

A relevância da Geografia da Infância, na pesquisa com crianças, reside justamente na sua capacidade de possibilitar um rompimento com as lógicas adultocêntricas e homogeneizadoras, que frequentemente invisibilizam o viver singular das crianças, especialmente aquelas que tratam das existências infantis em trânsitos. Ao invés de enquadrar as crianças migrantes em categorias estanques ou de presupor um "ponto zero" em seu desenvolvimento, essa perspectiva reconhece seus saberes, paisagens e vivências que não são abandonadas. Permite o entendimento que quando as crianças chegam a novos espaços, lugares e paisagens, os fazem e refazem, tecendo novas relações e significados e por isso mesmo, elas próprias apontam caminhos cruciais para a compreensão de seus mundos.

Pela e com a Geografia da Infância compreende-se que a temática *da e com* as crianças-migrantes-estrangeiras não se finda com um ou, que seja, com centenas de estudos sobre/com elas. Pelo contrário, a partir desse campo, a compreensão é de que é essencial considerar as complexas geografias das crianças, particularmente daquelas em trânsito e de valorizar as lógicas e narrativas infantis, a partir de seus próprios pontos de vista, de suas vivências- jamais a fim de esgotá-las.

A pesquisa com crianças, sob a perspectiva da Geografia da Infância, possibilita um diálogo fundamental com os estudos sobre migrações infantis. Isso porque ela rompe com as visões adultocêntricas que frequentemente invisibilizam as trajetórias das crianças. A partir dessa abordagem, entende-se que as crianças não apenas participam desses fluxos migratórios, mas também os transformam e os produzem.

Essa perspectiva permite construir outras lógicas de compreensão, diferentes daquelas que partem do simples para o complexo, propondo uma visão mais ética e estética das existências infantis. No caso específico das migrações, uma das principais contribuições é a possibilidade de ouvir e conhecer as trajetórias das próprias crianças – e por elas mesmas. Isso permite entender de forma mais profunda como elas se territorializam e como as instituições podem acolhê-las de maneira mais respeitosa e humana.

Considerações finais

O presente texto revisitou os escritos que estruturam o campo da Geografia da Infância no Brasil, destacando seus autores principais e as bases teóricas que sustentam as investigações. Buscou-se evidenciar como o estudo das crianças-migrantes-estrangeiras se insere de forma complexa nesse campo, demandando uma abordagem sensível às suas vivências espaciais singulares e desafiando as tradicionais perspectivas adultocêntricas e homogeneizadoras das infâncias.

Impregnadas pela perspectiva que reconhece a intrínseca ligação entre o humano e o espaço, as investigações que se desenvolvem no âmbito da Geografia da Infância empenham-se em compreender essas relações dinâmicas. Longe de circunscrever a criança a um mero palco de acontecimentos, os estudos que se ancoram neste campo teórico buscam por compreender a espacialização da vida das crianças a partir delas mesmas, refletindo o compromisso epistemológico de ir além de análises superficiais.

Nesse sentido, uma questão crucial para o campo, é a da dimensão geográfica do desenvolvimento humano, conceito explorado por Jader Janer Moreira Lopes (2021, e trabalhos anteriores), especialmente em sua discussão sobre a topogênese⁶. Nessa perspectiva, o espaço se revela não como um elemento passivo, mas como agente ativo e fundamental na humanização. A transformação do espaço pelas crianças implica, simultaneamente, sua própria transformação (Lopes, 2021).

Caminhar por este campo de pesquisa coloca a quem o escolhe uma postura que possibilite a todos e todas apreciar as belezas do mundo e, na ausência delas, manter a esperança. Essa esperança nutre-se da "necessidade ontológica" descrita por Freire (1992, p. 10). A Geografia da Infância, ao lançar um olhar atento e respeitoso sobre as existências infantis, especialmente aquelas em trânsito, tem em si essa mesma esperança. Uma esperança que não se ilude com idealizações, mas que reconhece nas "rugosidades e contradições" do mundo, nas múltiplas paisagens e nos encontros interculturais, na potência para a criação de novas realidades.

A luta é pelo fortalecimento deste campo no Brasil, que compreende que pela ação humana, intrinsecamente política e criadora, é capaz de subverter lógicas mercadológicas que buscam aprisionar as crianças em um universo de consumo esvaziado de vivências. Que permite pensar e refletir com as crianças-migrantes-estrangeiras que se achegam ao Brasil, de que "não são espectadores nestes fluxos mi-

⁶Indica-se o aprofundamento sempre poético, grávido de sentidos que encontra-se no livro: **Terreno baldio** - um livro sobre balbuciar e criançar os espaços para desacostumar geografias - de Jader Janer Moreira Lopes, 2021.

gratórios, mas autoras e elaboradoras de muitos deles que, não vivenciam este processo como um vácuo, um esvaziamento ou uma suspensão de espaço-tempo, um abandono de território" (Rauber, 2023, p. 314). Nas palavras de Lopes: "a criança não está no espaço, não está no território, não está no lugar, nem na paisagem; ela é o espaço, ela é o território, ela é o lugar, ela é a paisagem e, por serem produtoras de cultura e de geografias, enriquecem nossa condição humana" (2021, p. 135).

Eis o campo que planta a possibilidade de sonhar. Nele, as pessoas se tornam teimosas na esperança do cotidiano, resistindo à aridez de alguns dias. Com o fio da realidade, à maneira de Mia Couto, tece-se a ousadia de seguir adiante – jamais sozinhos – compreendendo que a existência se conjuga no plural, na presença de outros e outras que também traçam novos rumos da/na história. Tem a ver com o desejo latente que ressoa: que a Geografia da Infância siga compondo, apresentando mundos outros e inspirando (novos, radicais, éticos e bonitos) futuros por muitas e muitas décadas!

Fazendo-se e refazendo-se no processo de fazer a história, como sujeitos e objetos, mulheres e homens, virando seres da inserção no mundo e não da pura adaptação ao mundo, terminaram por ter no sonho também um motor da história. Não há mudança sem sonho como não há sonho sem esperança (Freire, 1992, p. 47).

Que o fio das missangas, tecido neste campo com esperança, impulsiona a existência e a resistência de todos e todas, para que, unidos como humanidade, possamos cartografar mapas de sonhos para dias melhores, conscientes do desafio de que: "Todos desejam existir, mas nem todos desejam que os outros existam!" (Lopes, 2021, p. 116).

Referências

AITKEN, Stuart C. **Jovens, direito e território**: apagamento, política neoliberal e ética pós-infância. Tradução de Talita Guimarães Sales Ribeiro. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2019.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Qualitative Research for Education. An Introduction to Theory and Methods**. Boston: Allyn and Bacon, Inc., 1982.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.

CORSARO, Willian A. **Sociologia da infância**. Tradução de Lia Gabriele Regius Reis; Revisão técnica de Maria Letícia B. P. Nascimento. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

COUTO, Mia. **O fio das missangas: contos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de. Políticas de regulação, pesquisa e pedagogia na educação infantil, primeira etapa da educação básica. **Educação e Sociedade**. Campinas, v. 26, no. 92, p. 1013-1038, out/2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Notas de Ana Maria Araújo Freire. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

KRAFTL, Peter. **After Childhood**: Re-thinking Environment, Materiality and Media. In: CHILDREN'S LIVES. New York: Routledge, 2020.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana**: danças, piruetas e mascaradas. 6. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

LOPES, Jader Janer Moreira; VASCONCELLOS, Tânia de. **Geografia da infância**: reflexões sobre uma área de pesquisa. Juiz de Fora: Feme, 2005. 100p

LOPES, Jader Janer Moreira. Entrevista com o professor Jader Janer. [Entrevista concedida a] Regina Célia Frigério e Roberto Marques. **Giramundo**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 12, p. 117 - 140, jul./dez., 2019.

LOPES, Jader Janer Moreira. As palavras são as nossas primeiras formas de existir geograficamente no mundo: enunciação sobre amorosidade espacial In: DUARTE, A.; CONCÊNCIO, M. (Org.). **Palavras Baktianas para mudar o mundo**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

LOPES, Jader Janer Moreira. **Terreno Baldio**. Um livro sobre balbuciar e criançar os espaços para desacostumar Geografias. Por uma Teoria sobre a Espacialização da Vida. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021.

LOPES, Jader Janer Moreira. Entre o aqui e o lá: movimentos com presenças infantis e as geografias das precariedades e das esperanças. Um texto, propositalmente, feito em duas partes. In: NORÕES, Kátia Cristina; SANTOS, Maria Walburga dos; SANTIAGO, Flávio (Org.). **Crianças em deslocamentos**: Infâncias, Migração e Refúgio. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.

LOPES, Jader Janer Moreira; PAULA, Sara Rodrigues Vieira de. Órfãos de espaço. **Instrumento**: Rev. Est. e Pesq. em Educação, Juiz de Fora, v. 24, n. 2, p.473-486, maio/ago. 2022.

OSWELL, David. **The Agency of Children**: From Family to Global Human Rights. Cambridge Cambridge University Press, 2013.

PRESTES, Zoia. A sociologia da infância e a Teoria Histórico-Cultural: algumas considerações. **Revista de**

Instrumento: Rev. Est. e Pesq. em Educação, Juiz de Fora, v. 27, Dossiê: Pesquisa com bebês e crianças/Artigos, e-48404, 2025

Educação Pública, [S. I.], v. 22, n. 49/1, p. 295-304, 2013. DOI: 10.29286/rep. v22i49/1.916. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/916>. Acesso em: 10 abr. 2025.

POSTMAN, NEIL. **The Disappearance of Childhood**. Nova York: Delacourt Press, 1982.

QVORTRUP, Jens. Nove teses sobre a “infância como um fenômeno social”. **Pro-Posições**, Campinas, v. 22, n. 1 (64), p. 199-211, jan./abr. 2011.

RAUBER, Joaquim. **O mundo está fazendo muito barulho!** espacialidades e vivências de [com] crianças-migrantes-estrangeiras. 2023. 337 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: Veredas**. 21. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

ROSEMBERG, Fulvia. B. M. Educação para quem? **Ciência e Cultura** (SBPC), v. 28, n.12, p. 66-71, 1976.

SANTOS, Milton. **Território e dinheiro**. Niterói: UFF/AGB. 2002.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional**. São Paulo: Hucitec, 1994.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**. São Paulo: Difel, 1980.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. **Imaginação é criação na infância**: ensaio psicológico: livro para professores. Apresentação e comentários Ana Luiza Smolka; tradução Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2004.

Revisão textual e de normas da ABNT realizada por: Carla Juliana Capela Ribeiro.